

Na Ceilândia, Collor lembra propina do PT

De forma indireta — ao pedir que ninguém vote naqueles que recebem propinas de empresas para fazer campanha — Fernando Collor tentou incluir ontem seu adversário Luiz Inácio Lula da Silva nas suas críticas de palanque. Ele e Lula estão empatados na preferência do maior colégio eleitoral do Distrito Federal, com 27 por cento dos eleitores consultados, segundo a pesquisa feita pela Soma Opinião e Mercado.

Único fato novo no discurso de Collor, de apenas dez minutos, a referência se juntou às promessas de “colocar os marajás na cadeia e de moralizar o País”. Collor foi brando nos ataques a Sarney, comparando-se a agressividade que sempre emprega ao falar do presidente da República. Ele convidou os que ali estavam a se unirem a ele para “arrancar os bigodes de Sarney”, seguindo-se da afirmação de que falara sobre “o maior marajá do Brasil”.

“José Sarney é o maior marajá da República. Vamos arrancá-lo de lá. Vamos fazer com que ele esteja na cadeia junto com os que recebem propinas das empresas para fazer campanha”, insistiu.

Fernando Collor chegou ao local às 21h30, quando já haviam votado três

ministros do Tribunal Superior Eleitoral pela impugnação da candidatura de Sílvio Santos. Quem esperava que o candidato falasse sobre a questão, saiu frustrado. Foi o caso dos repórteres cuja única tarefa na Ceilândia era a de repercutir a decisão do TSE junto ao candidato do PRN. Collor fez seu segundo e último comício no Distrito Federal ignorando os fatos políticos do momento, como a proximidade do dia 15 e a intensificação dos ataques recebidos dos demais concorrentes à Presidência.

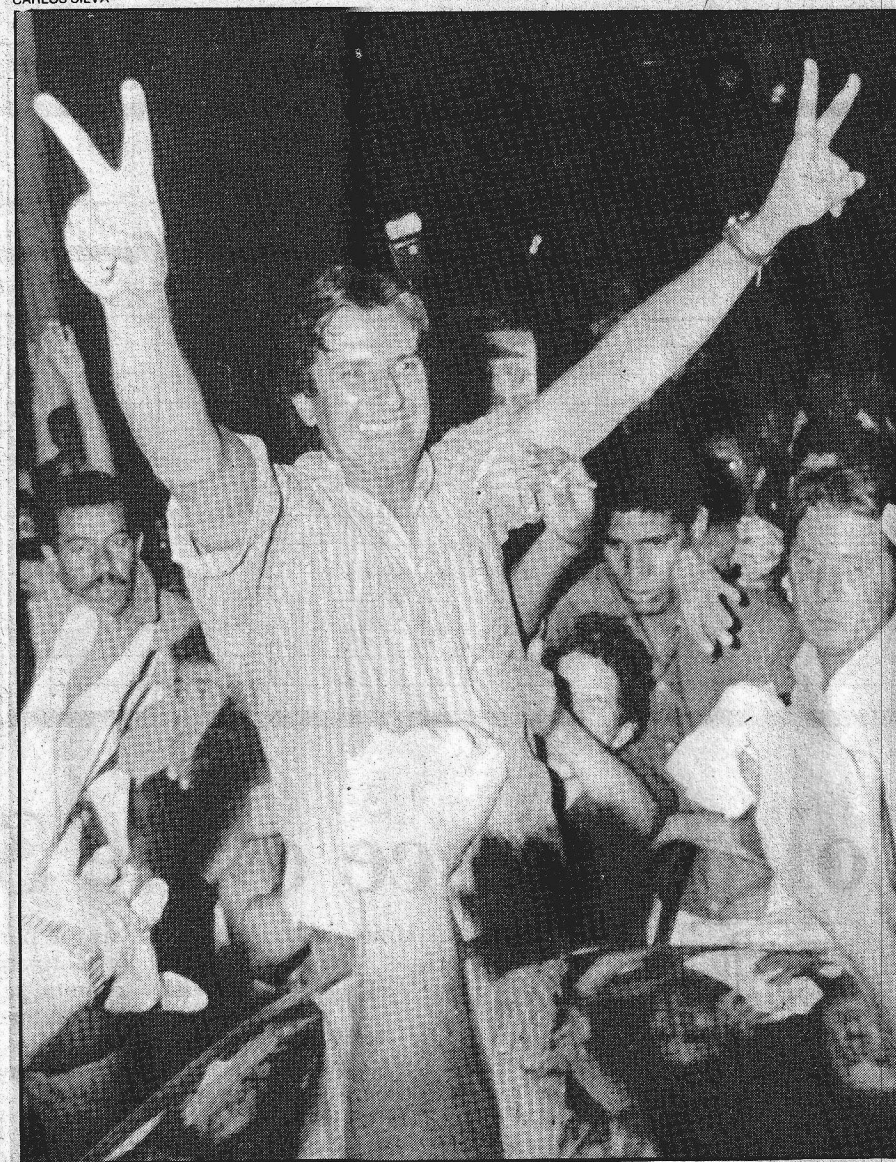
“Minha gente amiga da Ceilândia, de Brasília, aqui está o meu povo,” afirmou, repetindo o procedimento de criar uma ligação com os eleitores que estão lhe ouvindo. Isto já o levou a falar de suas “raízes” que estariam no Rio Grande do Sul e a dizer no Maranhão que seu umbigo estava enterrado no Nordeste.

Fernando Collor prometeu casa e salário justo para os trabalhadores. A citação a Juscelino Kubitschek — “aqui representado pela sua filha Márcia” — perdeu a ênfase que recebeu no comício anterior, em Taguatinga, quando o criador de Brasília ocupou quase que todo o seu repertório. Ele demonstrou estar

mais apressado do que normalmente ocorre no comício da Ceilândia, o terceiro de ontem, depois de Anápolis e Goiânia. A campanha hoje será em Minas, com carreatas e comícios em Divinópolis e Barbacena.

Amanhã, Collor faz comício em Foz do Iguaçu e Ponta Grossa, retornando pela terceira vez na campanha ao Paraná, onde sua agenda tem sido ditada pelo deputado José Carlos Martinez, candidato da PRN ao governo do estado. É ele quem dá a cobertura financeira ao candidato nos programas armados nas cidades de seu interesse. As duas tentativas anteriores de chegar a Foz do Iguaçu foram canceladas na última hora. Na primeira delas, Fernando Collor desistiu da viagem quando informado do protesto armado pela comunidade árabe, em torno de 15 mil pessoas, que ali reside, contra suas declarações desfavoráveis aos palestinos. No mês passado, a falta de teto impediu que seu avião se deslocasse de Cascavel para Foz.

O comício final será no domingo, em Maceió, quando espera reunir 200 mil pessoas, número este ainda não alcançado em nenhuma outra cidade.



Fernando Collor na Ceilândia, ontem à noite: era o maior comício desta campanha no Distrito Federal até agora, com um público estimado em 70 mil pessoas disputando lugar para vê-lo